



SUMÁRIO:

Destino Angola
página 5

Fanfarra activa
página 6

Elmano Pereira:
Nascido para a
música
Página 6

Blogue sobre a
Castanheira
página 8

O Padre
Amadeu
José Marques
página 10

Os lavadouros
página 11

Muito feito, muito
por fazer:
10 anos de AJAC
página 12

Festa da Sr^a da Conceição

Aí está a Festa do Verão



Um grupo de jovens juntou-se
para ressuscitar a festa
do verão: religiosa e profana,
evidentemente.
Só precisam de apoio.

Destaque página 3

PESSOAS

José Assunção

José Assunção é casado e tem três filhos, todos rapazes. O nome deste castanheirense tem andado nos últimos tempos nas páginas dos jornais regionais e mesmo nacionais. Tal protagonismo deve-se a um projecto de olival biológico a arrancar nos próximos tempos, uma iniciativa da AAPIM (Associação dos Agricultores para a Produção Integrada de Frutos de Montanha), de que José Assunção é Presidente. A AAPIM é uma Associação de Utilidade Pública, fundada há 14 anos e pretende com este projecto instalar 5.000 hectares de novos olivais nos distritos da Guarda e Castelo Branco, reconvertendo ainda mais 5.000 has de olival tradicional. É um projecto de grande dimensão, com um investimento de 126 Milhões de Euros, com participação de Fundos Comunitários através do PRODER, que pretende criar 2500 postos de trabalho e um volume de negócios anual de 46 Milhões de Euros. Na entrevista que concedeu ao Castanheira Jovem, José Assunção reflecte ainda sobre a Castanheira de ontem e de hoje.



Entrevista na página 4.

Regresso do Afeganistão



País: Teatro de Operações (TO) do AFGANISTÃO
Nome: João Ferreira Posto: Major de Infantaria
Pára-quedaista

Função: Cmdt da 22.ª Companhia de Pára-quedaistas
da QRF/FND/ISAF Quick Reaction Force (QRF)/Forças
Nacionais Destacadas (FND)/Internacional Security
Assistance Force (ISAF)

Data da partida: 28ago08

Data do regresso: 29fev08 Duração: 6 meses

João Ferreira regressou em 29 de Fevereiro do TO do Afeganistão, onde cumpriu uma missão ao serviço das FND Portuguesas integradas na missão das Forças da NATO no Afeganistão, Internacional Security Assistance Force (ISAF). As Forças Militares Portuguesas no Afeganistão constituem uma Força de Reacção Imediata que depende directamente do Comandante das Forças da NATO naquele território. A Força Portuguesa que cumpriu esta missão era uma Força de Pára-quedaistas, com efectivo de 157 militares, que era constituída pela 22.ª Companhia de Pára-quedaistas (cerca de 107 militares) que cumpria as missões tácticas no terreno, comandada pelo Major de Infantaria Pára-quedaista João Ferreira, por um Comando e por um Destacamento de Apoio de Serviços que apoiava estas missões.

O Afeganistão é um país continental extremamente pobre, muito dependente da agricultura, da criação de animais (ovelhas e cabras) e algumas indústrias ligeiras. Grande parte da economia (embora de forma encoberta) assenta na produção e venda de estupefacientes. É o maior produtor de ópio do mundo e cerca de 80 a 90% da heroína consumida na Europa é proveniente do Afeganistão. Ao nível da educação, diz João Ferreira, "faz lembrar o tempo dos nossos pais (na Castanheira) pois existem ainda escolas para rapazes e para raparigas (não há cá misturas). Apesar desta pobreza extrema, as crianças transpiram no entanto alguma felicidade, dando imenso valor a brincadeiras já em desuso no nosso país, nomeadamente o "berlinde" e os papagaios ao vento."

A insegurança é uma constante, onde os perigos inerentes a uma guerra de guerrilha (principalmente a guerrilha Taliban) estão sempre presentes e em permanente evolução. Os principais riscos são os Engenhos Explosivos Improvisados (IED), minas, homens (e mulheres) suicidas e carros-bomba. As principais missões desempenhadas no Afeganistão no apoio ao Governo Afegão e às Forças de Segurança Afegãs, prenderam-se principalmente com o combate à insurgência e aos terroristas. No entanto, tal como acontece noutros Teatros de Operações, nomeadamente no Iraque, serão necessários "alguns" anos mais para pacificar ou "democratizar" uma região onde ainda se encontra enraizado o fanatismo e o extremismo.



por Dolores Carreira

DICAS PARA O DIA A DIA

A **DICA QUE FALTAVA** acompanha os tempos modernos e desta vez os "conselhos" pretendem ser uma espécie de BÍBLIA DA POUPANÇA. Veja se consegue cumprir algum.

No supermercado, estipule previamente o valor que quer gastar e leve consigo uma máquina de calcular para controlar as despesas; antes de ir às compras, faça uma lista do que precisa e não saia dela; vá às compras com tempo para poder comparar os produtos e preços; não entre no supermercado ou pastelaria de barriga vazia, pois tenderá a comprar mais comida do que a que precisa (este conselho também serve para a dieta!!); consulte os folhetos deixados na caixa do correio, por vezes pode valer a pena deslocar-se um pouco mais longe; utilize as promoções com inteligência: não compre o que não necessita; experimente produtos brancos, isto é, sem marca, pois são 30% mais baratos e geralmente mantêm a qualidade.

Beba água da torneira, pois poupará à volta de 140 euros/ano.

Evite comprar seja o que for nas áreas de serviço - é tudo muito mais caro. Só para ter uma ideia: um café custa 90 cêntimos.

Quando comprar electrodomésticos, prefira os de classe A para poupar energia; desligue a televisão, o DVD e outros directamente no aparelho e retire das fichas das tomadas; lave sempre a sua roupa a 40º graus em vez de 60º, assim poupa mais de 50% de energia; na máquina de lavar a loiça, utilize sempre o programa mais económico; no ferro de passar também pode economizar se o desligar uns minutos antes de acabar, deixando, por exemplo, dois lenços para o fim; no frigorífico, não deve deixar acumular o gelo mais de três milímetros; coloque os alimentos no frigorífico só depois de estarem frios (evita a formação de gelo); deve trocar as lâmpadas incandescentes por economizadoras - são mais caras, no entanto duram muito mais e poupam 80% da energia; simplesmente desligue as luzes onde não precisa de ver; o forno, também o pode desligar uns minutos antes, independentemente de ser eléctrico ou a gás; baixe o lume dos cozinhados depois de estarem a ferver; utilize sempre a tampa da panela para cozinhar ou aquecer; não deixe a chama do piloto do seu esquentador sempre ligada (...)

Ao ler o artigo, com certeza que já se lembrou de outras ideias. Podemos juntá-las a estas se assim o desejar e, assim, em conjunto fazemos um verdadeiro guia de poupança. Não é fácil decorar tudo, mas se começar a praticar, depois, passa a ser um bom hábito, principalmente para a carteira.

Até a uma próxima e se tiver alguma coisa para me dizer, não hesite: dolorescarreira@mail.telepac.pt.

Castanheira em movimento

Nascimentos



Matilde Leonor Barbosa, filha de Paulo Jorge Barbosa e de Maria Helena Barbosa, nasceu em 28-01-2008.

Falecimentos

Joaquim Abílio Teixeira, 28-12-2007

Helena Dinis, 22-03-2008

José Marques Abadesso, 31-03-2008

Alfredo Marques Abadesso, 11-04-2008

Maria Sanches Martinho, 12-04-2008



Festa da Senhora da Conceição

Festas regressam à Castanheira

Após alguns anos de interrupção as festas regressam este Verão à Castanheira, decorrendo de 25 a 27 de Julho. Um grupo de jovens decidiu deitar mãos à obra e criou uma comissão de festas na Castanheira com o objectivo de realizarem anualmente a festa em honra da Nossa Senhora da Conceição, pretendendo que esta festa seja uma "continuação da festa antiga da Castanheira". Desta comissão ofereceram-se como voluntários e assumiram a responsabilidade para organizar a primeira edição das renovadas festas quatro elementos: Adelaide Pereira, Joaquim Gonçalves, Gabriel Pinela e Sandrina Miguel. Apesar dos festejos serem organizados pelos mordomos, esperam contar com a colaboração de todos os elementos que pertencem ou queiram pertencer à comissão de festas. Dessa comissão de festas, que querem cada vez maior e participada, serão nomeados os mordomos para a festa do próximo ano. Para melhor entendermos esta iniciativa fomos falar com os mordomos.

Afinal porquê realizar esta festa?

Pretendemos realizar a festa, para trazer de volta a alegria e euforia da festa de verão. Era nesta altura do ano que se juntava o povo todo no centro da aldeia, para se divertir, e passar uns momentos agradáveis. Para além de tudo, visto que cada vez mais a população da Castanheira se isola nas suas casas, e outras passam a maioria do ano fora, uns no estrangeiro, outros em diversas cidades espalhadas pelo país, e sendo na altura do verão que vêm cá passar férias, seria uma excelente oportunidade para juntar novamente a



população no Largo do Outão e fazer renascer a festa da nossa padroeira, a Nossa Senhora da Conceição.

Que tipo de festa é?

Esta festa é o renascer da antiga festa de verão da Castanheira, em honra de Nossa Senhora da Conceição. É uma festa religiosa, em que haverá procissão de velas, missa cantada e procissão. Para além das celebrações religiosas, esta festa contará com várias actividades de cariz mais popular, com iniciativas dirigidas a toda a população e, como não podiam faltar, bailes que vão durar até de madrugada.

Quais as novidades que esta festa tem para oferecer?

As novidades que temos para oferecer dependem muito das receitas que conseguirmos, mas esperamos que as realizemos para oferecermos uma festa com qualidade a todos os visitantes.

Com que receitas é que esperam contar?

Pretendemos obter as receitas, com a colaboração do povo, esmolas, patrocínios e a realização de alguns bailes.

Para o ano as festas vão continuar?

A organização de uma festa resulta num esforço e trabalho que tem de ser feito ao longo de um ano inteiro. Mas como as pessoas da Castanheira nunca torceram a cara ao trabalho em prol da comunidade acreditamos que a festa vai ter continuação e não volte a "morrer". Acrescentamos que os "lucros" desta festa vão ser entregues aos próximos mordomos para no próximo ano fazerem ainda uma festa melhor.

Querem acrescentar algo?

Claro, deixar o convite para que no dia 25, 26 e 27 de Julho, estivessem presentes na Castanheira, e participassem na Festa de Nossa Senhora da Conceição. Marquem na agenda para passarem este fim-de-semana na Castanheira.

Vitor Gonçalves

FESTA DO SANTÍSSIMO

Como já é tradição, vai realizar-se na Castanheira a Festa do Santíssimo, no dia 22 de Maio (Feriado Do Corpo de Deus), organizada pela mordomia do Senhor, composta por Horácio Gonçalves (tesoureiro), Júlio Tomé e Manuel Martinho. Para além desta iniciativa, que é o culminar de uma série de trabalhos realizados ao longo do ano relacionados com a Paróquia, esta mordomia organizou a festa de Páscoa, que tem a curiosidade de dar a "entender" de uma forma peculiar quais os novos mordomos para o próximo ano. Assim, os três mordomos, pela posição de destaque que tiveram no transporte do "pálio" são: Joaquim Carreira (tesoureiro), António Abadesso e Carlos Lucas.

José Assunção

Qual foi o trajecto profissional do José Assunção?

Terminado o curso de Engenharia em Ciências Agrárias, fiz estágio e entrei nos quadros do Ministério da Agricultura - Direcção Regional Beira Interior (DRABI), onde entre outros desempenhei o cargo de chefe da Divisão de Controlo Fitossanitário da DRABI, durante os últimos dez anos. Recentemente aceitei novos desafios e actualmente sou Coordenador de uma empresa de peritagens e avaliação de projectos, que tento compatibilizar com a presidência da AAPIM e a conclusão de um Mestrado em Agroecologia.



A tua exploração agrícola não é na Castanheira?

Não, a minha exploração é na Cova da Beira na Freguesia da Vela. Tem uma área de seis hectares de macieiras, cerejeira e vinha, onde são praticados modos de produção compatíveis com a sustentabilidade e a preservação ambiental e paisagística. Serve ainda como campo de demonstração de novas tecnologias de produção, através do desenvolvimento de projectos de experimentação e investigação em parceria com várias Universidades. É uma pequena exploração, que me dá muito prazer acompanhar e que me serve ainda de refúgio, para recuperar energias, das correrias do dia a dia.

Os projectos da AAPIM incidem sobre o quê?

A AAPIM desenvolve projectos de investigação e experimentação, formação e assistência técnica aos seus associados em modos de produção sustentáveis e compatíveis com a preservação dos recursos naturais e segurança alimentar, nomeadamente através da Produção Integrada e Modo de Produção Biológico. Dispõe ainda de laboratórios, postos biológicos e estações meteorológicas automáticas distribuídas por toda a região, para apoio à monitorização das diferentes pragas das diferentes culturas.

No caso do projecto do olival biológico recentemente divulgado,

qual o papel da AAPIM?

A AAPIM é a promotora exclusiva do projecto e responsável pela sua elaboração e candidatura. Será através da AAPIM que se desenvolverão todas as propostas de investimento privado e a assistência técnica.

Os modelos da agricultura biológica pretendem sobretudo voltar a reequilibrar aquilo que o homem desequilibrou evitando a utilização de produtos tóxicos. Temos de produzir alimentos de que a humanidade carece, mas temos que ser capazes de o fazer preservando os recursos naturais, recorrendo à ciência e à tecnologia para poder intervir numa perspectiva de respeito pelo ambiente.

O modelo de olival em modo de produção biológico, que pretendemos desenvolver, deverá ser simultaneamente competitivo e sustentável. Só podemos ser competitivos se formos capazes de apresentar produtos diferenciados, valorizados pela sua qualidade intrínseca. Todos os dias somos invadidos por produtos agrícolas oriundos das mais variadas regiões do mundo, sem informação sobre os modos de produção utilizados, que produtos químicos foram utilizados e que danos foram causados a esses territórios, para além de nada sabermos qual a exploração humana que esteve por detrás da sua produção e o comércio justo. Todos nós já tivemos experiências de comprar uma fruta que não nos sabe a nada. Porque será?

Nós consideramos que a nossa região tem condições excelentes para produzir alimentos de elevada qualidade. Para além disso, os produtos biológicos são também cada vez mais procurados por

consumidores cada vez mais exigentes na qualidade e segurança alimentar e isso favorece o nosso projecto. O projecto pretende que os agricultores sejam apoiados técnica e financeiramente, para que o produto se torne competitivo. Pretende ainda a construção de lagares para laboração de azeite biológico, a concentração e comercialização conjunta, através de marca própria. É ainda um projecto criador de esperanças e gerador de emprego, que pretende contrariar o fatalismo de abandono que teima em invadir a nossa região.

A Castanheira pode ser um espaço para este projecto?

Não, para o olival não. A oliveira desenvolve-se em ecologias diferentes das da nossa aldeia. Quanto à Castanheira, as hipóteses de alguma actividade rentável em modo de produção biológico poderia ser o castanheiro, mas é uma cultura de crescimento lento e são necessários muitos anos para haver retorno do investimento realizado. Castanheira não é terra de agricultores, é terra de artistas e artesãos. Os solos são pobres e as pessoas viraram-se para as artes dos sapatos e da tecelagem e outros. Mas é possível que projectos ligados à horticultura se possam tornar rentáveis, mesmo em modo de produção biológico. Falta alguma dimensão mas temos a vantagem de estar perto da Guarda.

Ao nível da economia a Castanheira está num impasse?

Nós temos jovens dinâmicos que já provaram serem capazes de fazer coisas. Basta verificar a dinâmica da AJAC e os projectos desenvolvidos nos últimos anos. Mas é curioso que tantos artesãos tenham emigrado e nenhum se tenha aventurado empresarialmente na Castanheira mesmo após o seu regresso. Como é que não surgiu uma ideia de uma fábrica de sapatos, por exemplo, nunca se tendo saído da actividade de artesão? É verdade que há muitas oficinas de sapateiro na Guarda, que foram pioneiros, que são propriedade de gente da Castanheira mas é pena que na aldeia as coisas afinal tenham morrido.

Entrevista realizada por Joaquim Igreja

Casais Novos na Castanheira

Paulo Jorge Barbosa, 40 anos, Motorista e Maria Helena Barbosa, 35 anos, Auxiliar de Acção Médica no Hospital da Guarda



Residem na Castanheira há 4 meses com os seus 3 filhos: Márcio de 15 anos, João de 9 anos e Matilde de 2 meses.

Porque escolheram a Castanheira para viver?

Porque queríamos um lugar sossegado e evoluído. Como a Castanheira não está parada e é uma aldeia bastante evoluída, achámos que seria um bom local para viver. **Consideram-se integrados e bem recebidos pela população da Castanheira?**

Ainda não tivemos muito tempo para nos integrarmos, mas achamos as pessoas da Castanheira simpáticas e acolhedoras, temos a certeza que vamos ser bem recebidos.

Aspectos positivos e negativos, que podem ser melhorados...

Tem muitos locais de lazer, o que achamos óptimo. Dois parques infantis, piscinas, campo de futebol... As crianças têm muito onde se divertir e passar o seu tempo. Aliás, os nossos filhos já nem querem ir à cidade, gostam de vestir uma roupa prática e andar por cá. Com o futebol aos domingos, os senhores também passam melhor o seu tempo. Queríamos deixar uma sugestão no que concerne aos tempos livres das senhoras: talvez uns cursos de formação ao final da tarde ou aos domingos, para aprender a

trabalhar o linho, por exemplo, uma vez que é uma aldeia de linhos e tecedeiras, pensamos que seria um importante incentivo ao artesanato. O único aspecto menos bom é o facto do bairro ainda não ter saneamento básico e que gostaríamos de ver resolvido assim que possível.

Nuno Miguel Santos Cruz, 31 anos, Camionista e Patrícia Paula Pires Nunes Cruz, 22 anos, desempregada



Residem na Castanheira há um ano com o seu filho Rodrigo, de 2 anos de idade.

Porque escolheram a Castanheira para viver?

Escolhemos a Castanheira porque tivemos conhecimento da casa que estava à venda, gostámos e decidimos comprar. Além disso, gostámos da aldeia, e como o Nuno é camionista, não havia inconvenientes em virmos residir para cá.

Consideram-se integrados e bem recebidos pela população da Castanheira?

Apesar de não sairmos muito de casa, consideramos as pessoas da Castanheira acolhedoras.

Aspectos positivos e negativos, que podem ser melhorados...

É um local bastante agradável para residir. Por enquanto estamos satisfeitos com a nossa decisão. Não temos nada a dizer das pessoas nem da aldeia em si. O único reparo que temos a fazer é a existência de

um poço nas traseiras da casa sem qualquer protecção. Consideramos que é perigoso para as crianças, especialmente para o nosso filho.

Nelson José Francisco dos Santos, 37 anos, Técnico de Telecomunicações e Margarida Maria dos Santos Marques, 44 anos, Empregada de Balcão



Residem na Castanheira há 1 ano com um dos filhos, o Wilson, com 17 anos de idade. Têm outro filho, de 27 anos, já casado.

Porque escolheram a Castanheira para viver?

Nós vivíamos na Guarda. Mas como vinha fazer alguns serviços de EDP e telecomunicações à Castanheira, tivemos conhecimento da casa que estava à venda. Gostámos da casa, e como o preço era acessível, decidimos comprar.

Consideram-se integrados e bem recebidos pela população da Castanheira?

Como a casa está afastada da aldeia, não temos muita ligação com a população. Só o Wilson é que costuma ir para a aldeia, onde tem os seus amigos e onde se considera perfeitamente integrado.

Aspectos positivos e negativos, que podem ser melhorados...

A falta de contentores. Agora que já estão as três casas habitadas, um contentor não é suficiente.

Marta Marques

ACDC

Castanheira convenceu. Num campeonato cada vez mais curto devido à desistência de algumas equipas por falta de verbas ou por não terem quem queira assumir um compromisso à frente destas, a Castanheira continua o seu percurso e cada vez com melhor classificação. Terminou esta época em sexto lugar do campeonato com os mesmos pontos

do quinto lugar. Ficou ainda a ideia de alguns que dizem que a equipa Guarda D. F. C. só não foi campeã devido a um desaire com a Castanheira no seu próprio terreno. Agradecemos aqui a todos os atletas e dirigentes pelo seu

esforço pois são eles que levam o nome da Castanheira cada vez mais longe.

Henrique Dinis

Pos	Equipas	Pts					GM	GS
			Jg	V	E	D		
1	U. D. Os Pinhelenses	32	14	10	2	2	32	8
2	Guarda D. F. C.	29	14	8	5	1	28	15
3	Ass. C. Desp. Soito	28	14	8	4	2	38	20
4	Ass. Cd V.F.Naves	22	14	6	4	4	34	23
5	Futebol C. de Pala	14	14	3	5	6	19	32
6	A. C. D. da Castanheira	14	14	4	2	8	20	33
7	A. Freixo de Numão	12	14	2	6	6	16	28
8	G. C. R. Casal Cinza	2	14	0	2	:2	16	44

A Áustria à minha espera



Porquê esse interesse todo pela música?

Não consigo explicar bem o meu interesse pela música, mas apercebi-me ao longo dos anos que não passava um dia sem “tocar” em algum instrumento. Nas minhas aulas a minha escrita era em pautas e não em cadernos normais, escrevendo notas musicais e não o que o professor dizia. Enfim comecei a pensar se não era música que eu queria...

Onde começaste a aprender música e quais os primeiros instrumentos?

Comecei a aprender música na Banda Filarmónica de Pínzio, onde comecei por aprender as figuras musicais, a identificar as notas numa pauta e a reproduzir som num instrumento através do que estava escrito nas partituras.

Achas importante o contributo das bandas filarmónicas, que afinal são o berço de muitos músicos?

Sim, acho extremamente importante, aliás a maioria dos melhores músicos de todo o mundo foram formados em simples bandas filarmónicas onde aprenderam as primeiras notas, já que elas se baseiam em orquestras profissionais.

Tiveste vários formadores. Algum te marcou de forma especial?

Sim houve formadores que me marcaram de forma especial, e que ainda hoje penso no que me diziam acerca da música. Um muito especial foi o Gregg Moore que sempre me “empurrou para a

frente” cada vez que vinha à Castanheira, deixando cá uma tuba dele para eu estudar. Mas eu não tinha muito a noção do que ele queria que eu fizesse com a tuba, que tinha quase a minha altura.

E quanto à Fanfarra da Castanheira? Achas importante este tipo de grupos, um pouco mais informais?

Sim, acho importante para quem tem curiosidade e vontade de fazer música é uma excelente oportunidade para aprender e divertir-se nos tempos livres.

Qual a razão de estudares na Covilhã? É uma boa escola?

A razão que me levou a ir estudar para a Covilhã foi o facto de na Guarda não haver cursos em que eu estivesse interessado, e como eu gostava imenso de música acabei por me inscrever na (EPABI) Escola Profissional de Artes da Beira Interior; já no 6º ano a professora de música insistia para eu ir para lá, mas não me sentia preparado para sair de casa.

De momento em que projectos estás envolvido?

Estou num projecto de “música na idade adulta” onde exerço as funções de professor. É realizado pela Banda da Covilhã e sou adjunto do Director Artístico da Banda.

Foste seleccionado para a orquestra de jovens na Áustria. Conta como foi.

Um professor da escola onde exerço os meus estudos informou-me que haveria brevemente umas provas para uma orquestra na Áustria e aconselhou-me a ir fazer provas. As provas foram em Lisboa no conservatório, correndo-me de forma geral bem.

Quanto tempo vais ficar?

Vou ficar por lá 2 semanas e 3 dias.

Naturalmente que desejas fazer um percurso profissional ligado à música. Quais as maiores dificuldades? E qual é o teu sonho?

As maiores dificuldades que vou encontrar é a forte concorrência, mas isso é como em tudo.

Fanfarra Sacabuxa com nova cor

Tudo começou no Festival de Cultura Tradicional “As Eiras” em 2001, com a vinda da fanfarra “Macacos de Rua de Évora”, de Gregg Moore e de uma vontade hercúlea de um punhado de jovens músicos da Castanheira. Em 4 de Agosto de 2002, um ano depois de a ideia surgir, ocorreu a estreia pública da Fanfarra Sacabuxa, inserida no 3º Festival de Cultura Tradicional “O Ofício”. Foi com um grande entusiasmo e muitos aplausos que a Castanheira recebeu este grupo de jovens.

A fanfarra tem vivido momentos altos e baixos, mas a energia e a força inicial mantêm-se mercê da vontade, da persistência e acima de tudo porque estes jovens músicos gostam do que fazem! Quem na Castanheira não sabe quando são férias? É ver o grupo da Fanfarra a aproveitar para ensaiar e preparar novo repertório. A Aldeia até parece outra, e o granito cinzento e cheio de musgo das invernias dá lugar ao som dos instrumentos, dos risos e da música que ecoa pelas ruas da Castanheira.

Também se juntou ao grupo com grande regozijo, Rafaela Ferreira Dinis, acompanhada por um instrumento chamado saxofone soprano. Agora constituída por uma dezena de músicos, mantém a sua actividade regular, representando e transmitindo assim uma boa imagem da Castanheira.

No decorrer do presente ano são já várias as actuações agendadas, nomeadamente: 31º Feira do Queijo de Seia – Desfile de Carnaval em Figueira Castelo Rodrigo – Enterro do Entrudo (Câmara Municipal da Guarda) - Domingo de Páscoa na Aldeia Velha.

A Fanfarra e todos os seus elementos aproveitam esta oportunidade para “agradecer a todas as pessoas que de uma maneira ou de outra nos têm apoiado e feito chegar o seu apoio, porque só isso nos dá força para continuarmos este projecto!

BEM HAJAM!”

Elmano Pereira – Director Artístico



Nossa Senhora da Ajuda



A população da Rabaça está de parabéns, não só pelo bonito monumento em homenagem a Nossa Senhora da Ajuda, mas também pela sua localização. Depois de acesa contestação quanto ao local onde se iria colocar a imagem de Nossa Senhora da Ajuda (inicialmente estava previsto no largo onde se encontra a rua do cemitério com a estrada da Rabaça, encostada ao muro ou no centro da via), a população e a mordomia chegaram a um consenso que parece ter sido a melhor solução. A população enriqueceu com esta homenagem e com o saber decidir em conjunto, o que nem sempre se torna fácil, demonstrando assim que o dialogo

é a melhor solução para o entendimento.

Inaugurada no dia de Páscoa a imagem de Nossa Senhora da Ajuda situa-se no centro da aldeia, junto ao forno comunitário, virada a Sul, sobre a rocha ali existente, tendo a estátua sido esculpida por António Gomes da Costa, de Aldeia do Bispo e o pedestal colocado pelos irmãos Silva, do Jarmelo.

Mordomos 2008: José Joaquim Pires; José Martinho; Manuel Batista Preizal.

Homenagem a António Igreja



António Monteiro Igreja, natural da Castanheira e conhecido empresário na área musical, proprietário da Egitana Musical da Guarda, vai ser homenageado no próximo dia 20 de Maio no Teatro Municipal da Guarda. A iniciativa é de um grupo de músicos que fez a sua aprendizagem na Escola de Música daquela loja ou que ao longo da vida artística sempre tiveram apoio e colaboração de António Igreja para os seus eventos. Parabéns, António Igreja e continue a ajudar os músicos.

ACIMA DOS 80

António Gonçalves Dinis, 81 anos



António Gonçalves Dinis nasceu em 04 de Junho de 1926, sendo o segundo filho de uma fratria de cinco irmãos, quatro rapazes e uma rapariga. Pai de duas filhas, António tem três netos que muito adora. Apesar de ter frequentado a escola, não concluiu a 4ª classe porque as dificuldades eram muitas e no trabalho estava o sustento da casa. A agricultura era a principal actividade. "Tivemos uma "pastoria" de gado e chegámos a ter mais do que uma junta de vacas" comentou António. A "junta" de vacas, para além do leite (que não era muito), servia essencialmente para lavar os terrenos, não só os pertencentes ou cultivados pela família de António mas também para quem lhe pedia, a troco de dinheiro ou horas de trabalho. Os terrenos que tratava e que não eram pertença da família eram tratados a meias. Metade da produção colhida era dada ao proprietário do terreno. No Verão, as noites dormidas no campo eram constantes. Nesta época ainda mal se ouvia falar de tractores. António ainda trabalhou como sapateiro durante alguns Invernos, quando a agricultura não requeria tanto trabalho. Durante o Verão António saía com o "rancho" para a ceifa, normalmente para a zona de Pinhel. Terminadas as ceifas, as malhas era o que se seguia. António ficou livre da Tropa. Casou aos 28 anos e pouco tempo depois emigrou, como muitos outros, à procura de melhor vida, ficando a sua esposa na Castanheira. Foi a "salto" para a França com o passador "José de Albardo", tendo lá permanecido cerca de doze anos. A viagem anual que fazia até à Castanheira era longa, apesar de nos últimos anos ter como companheiro o seu amigo conterrâneo e já falecido António Alexandre. Regressado da França, António continuou na faina da agricultura que ainda mantém até hoje. Nesta altura as vacas eram mais destinadas ao leite, que depois era vendido, do que propriamente para trabalho. Dois irmãos de António foram igualmente emigrantes, também eles já regressados. Casado cerca de 45 anos, António encontra-se viúvo há vários anos, sendo a solidão a principal companhia.

Henrique Dinis

Livro de A. Moita Marques: Locais de Venda



Agradeço ao Castanheira Jovem a informação pormenorizada que a Edição anterior teve a cortesia de divulgar, relativamente ao meu Livro "As duas faces da Guerra Colonial". E sabendo, ao mesmo tempo, existir vontade de alguns leitores, em adquirir este Livro, transcrevo, abaixo, os nomes de algumas Livrarias, entre muitas outras, espalhadas pelo país, onde o mesmo pode ser obtido: Livraria Book House- Dolce Vita - Lisboa | Livraria Book House - Galerias, Lisboa | Bulhosa Livreiros - Campo Grande, 10-a Lisboa | Climepsi Saldanha - Avª Pinheiro Chagas, 44-A, Lisboa

| Climepsi Psicologia- Faculdade de Psicologia Univ. Lisboa | Fnac Alfragide - Centro Comercial - Alfragide | Fnac Chiado - Armazéns do Chiado - Lisboa | Fnac Colombo - Centro Comercial Colombo - Lisboa | Livraria Escolar Editora - Ed. Caleidoscópio - Campo Grande - LISBO | Livraria Notícias - Rossio 11 e 23, Lisboa | Livraria Portugal - Rua do Carmo | Multinova - Av. Santa Princesa Joana, Alvalade (Junto Igreja) | Livraria Vieira e Alfaca - Rua Luís Queirós, 18, Almada | Fnac Braga - Shopping Braga ParquE | FNAC Norte Shopping - C. Norte Shopping, Sra da Hora-Matosinhos | Livraria Quarteto - Avª. Calouste Gulbenkian, Coimbra | Livraria Biblos- Sra da Hora, Matosinhos | Storm - Centro Comercial de Castelo Branco | Casa Vértices - Guarda.

Um abraço amigo, **Moita Marques**

Um blogue sobre a Castanheira



A ideia de criar um blogue dedicado à Castanheira surgiu de uma conversa entre 3 amigas e primas que têm as suas raízes na nossa terra e que a visitam sempre que podem. Após uma dessas visitas deu-se o nascimento do blogue, há quase dois anos, em Agosto de 2006. Pretendemos com o blogue partilhar histórias, memórias e momentos, para que não caiam no esquecimento, tal como críticas e desabaços, porque também fazem parte da vida de qualquer comunidade. Partilhar a beleza da nossa terra e descrevê-la pelos nossos olhos, porque cada um de nós a vive e sente de forma diferente. Registrar as suas tradições e costumes, que por vezes vão ficando esquecidos. Queremos que todos aqueles que se encontram longe dela, mas que sentem falta dela, possam sentir que ela se encontra mais perto. Exactamente por isso o nome do blogue é Castanheira no Mundo. Porque ela é de

todos os que se sentem de lá, estejam lá ou a milhares de km de distância. Desta forma pretendemos fazer chegar a todos os castanheirenses espalhados por esse mundo fora um bocadinho da sua terra, acalmando a saudade de a rever.

Nestes quase dois anos de existência o balanço é extremamente positivo. Todas as visitas ao blogue são contabilizadas e permite-nos dizer que é visitado diariamente por cibercasuals de todos os cantos do mundo. Todos os post publicados, muitos não tão frequentemente quanto desejaríamos, são comentados. Nesses comentários por vezes são deixadas sugestões, que muito agradecemos, e também críticas.

Neste momento o blogue é partilhado por 3 pessoas: eu, a minha irmã, Elisabete Veigas, e a minha prima, Ana Miguel. No entanto, qualquer um poderá participar no mesmo, bastando dar-nos a conhecer essa intenção, usando para o efeito o e-mail indicado no blogue. O blogue é destinado a todos os castanheirenses que queiram

partilhar as suas histórias e lembranças com outros conterrâneos.

Resumindo, e tal como publicado no primeiro post: *Queremos fazer deste cantinho na net um sítio onde possa ser partilhado com o mundo a beleza (...), a história, a simplicidade e as estórias desta terra. E estórias é o que certamente não irá faltar para fascinar quem lê!!!* E para isso contamos com todos vós, que convidamos a visitar, comentar e publicar o vosso texto no blogue de todos nós: castanheiranomundo.blogspot.com.

Marlene Fortunato



Um anónimo escreve no blogue desde a Alemanha

Uma colaboração interessante

19/9/07

Realmente, é como tudo na vida. Por exemplo a fruta na época come-se mas por haver muita não se aprecia. No entanto, quando já não há, então delira-se com uma uva seca que se pendurava na cumieira, com um abrunho que se guardava na arca no meio dos cereais, etc. E assim é também com a nossa terra. Isto a propósito de não nos apercebermos da riqueza que temos na nossa terra.

A nossa terra ganha outra dimensão e valor quanto mais nos afastarmos dela. No meu caso, sou da colheita de 1961 e estou há cerca de 2.200km, na terra dos "Fritz" E desde que há 22 anos saí de lá, com o passar do tempo dou conta que a saudade, a ansiedade de voltar cada vez é maior. Isto porque, como diz a MARL, cada um tem as suas histórias e lembranças. É exactamente isso. É o passado, a nossa juventude, aquelas ruelas sem iluminação onde à noite brincávamos às escondidas, o Oitão onde se jogava ao "arroz-queimado", à "cabra-cega", ao "foge-muito", ao "prego", ao "bate-cu", à "chona", ao "berlinda", a "boîte da ti Ana Pires" onde se namoriscava (tentai explicar hoje aos vossos filhos o que significa namorar – hoje já não se namora, "curte-se"). Pois é, era a nossa Castanheira d'outros tempos. Por vezes tenho a nítida sensação que a maior parte das pessoas que lá vivem e nunca de lá saíram não sabem valorizar o que é ter a regalia de viver na "Nossa Terra", junto da "Nossa Família" com os "Nossos Amigos".

<http://castanheiranomundo.blogspot.com>

Albino Teixeira em Angola

No distrito da Guarda, como no resto do país, vive-se uma época de crise geral, em todos os sectores, sendo o sector da construção civil e obras públicas um dos que mais sofreu com o défice e com a recessão económica.



Angola apresenta-se, neste momento, como um dos maiores receptores de empresas portuguesas, nomeadamente, do distrito da Guarda.

Exemplo disso é a empresa do ramo da construção civil e obras públicas, Albino Teixeira, Lda. que, para colmatar a falta de trabalho e consequente despedimento de funcionários, encontrou no continente angolano a solução mais viável, tendo como mais-valia a facilidade linguística, bem como a vasta oferta de mercado de trabalho encontrado. Se a sobrevivência das empresas é a principal causa desta onda de migração para Angola, o eterno gosto pela aventura e novos desafios é a força que desde sempre levou os portugueses a encontrarem novos portos de abrigo. Boa sorte!

Da ceifa à carranja

A duração da ceifa era de cinco semanas, duas na região de Pinhel, e três na região do Jarmelo. Estava terminada a ceifa. No Domingo seguinte fazíamos as contas. Nós, os manejeiros, entregávamos o dinheiro. Era uma tarde divertida, dançava-se ao toque do realejo. No fim comíamos, bebíamos e dávamos por terminada a nossa sociedade.

A carranja é o transporte do centeio das propriedades para as eiras. O pão é carregado em carros de vacas e de mulas que elas puxam e levam para as eiras. A Castanheira pode-se orgulhar de ter as melhores eiras de toda a redondeza. Ali se punha todo o centeio que as searas produziam. Lá se faziam as medidas. Primeiro faziam-se molhos em cavalete, depois fazia-se a roda e subia-se o necessário, por último é levantada de um lado e capeada à maneira de cabanal para não entrar a água dentro. Assim espera pelo dia da malha.

A maior parte das malhas fazia-se com familiares e amigos por troca. Os que não conseguiam pessoal suficiente pagavam à empreitada, que era constituída por seis homens, malhadores pagos à poisa, sendo a poisa de cinco molhos. O contador subia para a meda e contava as poisas, os outros estendiam a eirada; a covela deitava-se na laja, o colo estendia-se em cima da covela e estendiam-se colos uns em cima dos outros até encher a eirada.

Os malhadores postos frente a frente



malhavam pausadamente certos e os pirtigos caíam ao mesmo tempo com força no colo. O grão saía da espiga, os pirtigos dobravam e encostavam às mangueiras, a decrua era puxada vagarosa, as espalhadeiras sacudiam e voltavam a palha. A segunda volta chamada estravessa era mais fácil e mais rápida, era apenas uma sacudidela. As espalhadeiras sacodem novamente a palha e deixam-na em montes que os pinches da palha levam para o palheiro e faz o palheiro que é feito em redondo. À medida que vai subindo,

vai-a estreitando e encimando e termina apertado com nagalho no cimo. Tirada a palha e os coanhos da eira estendem-se eiradas até a meda acabar. Por fim, com ancinhos, pás de pau e vassouras, junta-se o grão, varre-se a eira e limpa-se o grão, dois homens com pás de pau levantam alto o grão e a moinha que o vento separa, afastando a moinha, deixando o grão limpo. Mede-se com alqueire e deita-se em sacos, que é levada em carros de vacas ou mulas para as arcas.

Manuel Marques Dinis

Certificação de Competências na Castanheira

Mais um grupo

Foi com muita satisfação que mais uma vez, o Centro Novas Oportunidades do NERGA aceitou o convite da Associação da Juventude Activa da Castanheira para a realização do Processo de Reconhecimento Validação e Certificação de Competências do Nível Básico com mais um grupo.

São pessoas ávidas do conhecimento possuidoras de histórias de encantar, ansiosas por partilhá-las connosco.

São vidas de sacrifícios, vidas de trabalho de sol a sol, as quais, ao fim de um dia de cansaço, ainda se prontificam a regressar aos bancos da "escola" para aprenderem coisas novas e nos ensinarem velhas coisas. São coisas que a escola não lhes conseguiu ensinar na idade própria, pelos mais diversos motivos, que agora não interessa referir. O trabalho sempre lhes ocupou os dias, mas também sabem que agora os dias trazem sempre coisas novas, cada dia pode ser sempre diferente dos outros, porque nós também somos sempre diferentes todos os dias, estamos sempre a crescer e

a aprender cada vez mais. E à noite é preciso encontrar força para se conseguir descansar, dormir, e quando no dia seguinte se acorda, têm de acreditar que a vida tem valor e que vale a pena voltar à escola para (re)aprender coisas novas.

São pessoas que não passam pela vida, vivem, lutam com determinação, abraçam esta nova oportunidade com paixão, para futuramente dizerem e regozijarem-se que venceram com ousadia e que se atreveram a aceitar um desafio.

António Monteiro, Centro Novas Oportunidades NERGA



Castanheira Sobreira Formosa



Castanheira é uma bela aldeia situada na freguesia de Sobreira Formosa, concelho de Proença-a-Nova. Tem poucos habitantes e outrora tinha como imagem de marca o Castanheiro, afinal é daí que deriva o nome desta aldeia. Para dizer a verdade, a Castanheira, está longe de ter uma grande população desta árvore. Nos dias de hoje é o pinheiro que marca a paisagem. Toda a localidade é bonita

mas em termos de paisagem o que vale realmente a pena é subir a serra da qual se tem uma vista panorâmica das redondezas.

Castanheira, situada no sopé da serra, é atravessada por uma ribeira e por vários outros cursos de água menores que principalmente na Primavera e Outono criam locais de beleza quase surreal. Para além disso, a serra próxima é, num alargado raio, das mais altas, o que a torna de certa maneira de difícil acesso pelos nossos meios, mas por outro lado proporciona um passeio inesquecível para quem aprecia a natureza. Do cimo da serra somos confrontados com uma vista, que direi quase aterradora de tão bela! Os montes verdes desprovidos de árvores revelam as suas suaves formas

se olharmos para Oeste, enquanto que para Este a vista alcança até às montanhas espanholas. Quando o céu está coberto de cinzento e a serra oculta pelo manto branco do nevoeiro pode sentir-se o odor do medronheiro e pinheiro na lareira.

Hoje, e passados pelo menos 250 anos desde o seu início, Castanheira é apenas mais uma bela aldeia perdida nos montes e serras da Beira Baixa cujos únicos factos de notoriedade são a beleza que proporciona a quem a visita e a homenagem ao Castanheiro

Francelina de Sousa (professora Instituto de S. Tiago – Sobreira Formosa)



Padre Amadeu José Marques

FIGURAS

Um padre afectivo



O Padre Amadeu José Marques ainda hoje é recordado na Castanheira como um padre afectuoso e convivente. Aqui esteve só meia dúzia de anos mas visitava as casas, era visitado pelos paroquianos na Casa Paroquial, convivia, petiscava aqui e acolá, ia às matanças e às festas. É uma das facetas que

mais surpreende hoje em dia. Não era homem de criar rancores mas era firme na defesa das suas posições.

É esta a imagem que do Padre Amadeu José Marques é dada ainda por muita gente. E é a imagem que também é dada pela irmã, Laura de Jesus Marques, ainda viva, que vive agora na casa que era do seu irmão, em Madalena - Azêvo (Pinhel). Laura Marques sempre acompanhou o Padre Amadeu por todas as paróquias onde esteve, tendo

criado também por isso mesmo muitas amizades nessas paróquias. Uma prova são os muitos afilhados que deixaram nessas localidades. Tem agora 87 anos e goza ainda de razoável saúde.

O Padre Amadeu nasceu em Outubro de 1915 no Azêvo e faleceu em Alcaria em 20 de Outubro de 1987 com 72 anos, tendo sido enterrado como era sua vontade na campa da sua mãe no Azêvo. Ordenou-se em 1944 e paroquiou depois Carragosela (em certa altura também conjuntamente com Sameice, Várzea e Folhadosa), Castanheira, Freineda e Alcaria. Na Castanheira entrou em 1951, tendo passado para a Freineda em 1964 e logo a seguir para Alcaria.

Logo que entrou na Castanheira o padre Amadeu criou a Telescola, que projectou a Castanheira e durou ainda à volta de 30 anos. Depois na pastoral que defendia inscrevia-se o convívio, que não se limitava às visitas das pessoas mas também incluía os magustos, os passeios e convívios que em domingos e dias festivos se faziam pela povoação e na Ribeira das Cabras,

no Porto Mourisco. Laura lembra ainda desses dias os belos petiscos de Lucília Barreiros (a filha do professor Barreiros, que morava no Oitão), nomeadamente a sopa à base de peixe da ribeira. Ajudou também muita gente a encontrar o caminho dos estudos na enfermagem, no magistério, etc.

Os últimos anos da sua presença na Castanheira foram marcados por uma querela que fracturou a população a meio, com base na venda pelo pároco a um particular de um terreno anteriormente cedido à paróquia, venda que alguns entenderam como favorecimento. Um grupo de castanheirenses deslocou-se mesmo ao Paço a reivindicar a saída do Padre, outros enviaram cartas anónimas ao pároco, mas uma boa parte da população manteve-se fiel ao pároco. No entanto estavam criadas as condições para a saída do Padre Amadeu, que entretanto ali deixava muitas amizades, por ser um padre de relações humanas muito fáceis.

Laura recorda a concluir: "Foram bons tempos. E deixei lá muita gente amiga".

Joaquim Martins Igreja

Os "ribeiros"

Os lavadouros de antigamente

Até há 50 anos o "ribeiro" na Castanheira era uma instituição. Era por excelência o lugar em que se lavavam as toneladas de trapos da filharada, de roupa suja do pó da terra, de meadas de linho para a seguir urdir e tecer. Era também o lugar em que se lavavam as mágoas da miséria continuada, dos filhos que morriam ou padeciam da doença ou dos maridos que se embebedavam sem parar. Não admira pois que ele continue como um lugar especial na mente de muitos castanheirenses, a quem é preciso dedicar a mais sincera homenagem: as mulheres. A roupa tornava-se uma escravidão e, embora a higiene na roupa não fosse na roupa de semana uma grande preocupação, as mulheres dedicavam-lhe apesar de tudo muito tempo.

Não era preciso andar à vez, porque havia muitos ribeiros na Castanheira. Eram sobretudo situados na zona do fundo do povo, aproveitando os regatos que corriam uma boa parte do ano. Nos meses mais quentes aproveitavam-se os poços das propriedades. Vamos hoje dar uma volta por alguns sítios onde paira ainda o palavreado alto das mulheres a dizer mal desta ou daquela ou a choramingar pelas desgraças em casa. Começamos pelo ribeiro da Carreira, junto ao Poçoilo. O regato foi encanado, o ribeiro foi entretanto atulhado. Nada à vista. Voltamos pelas Moreirinhas. Em pleno caminho, o regato que atravessava o estreito caminho do Vale de Poço era aproveitado em dois



sítios diferentes, ficando pelo meio o espaço para os transeuntes passarem. Dava para quatro pessoas, nos dias em que corria muita água. Depois à porta do ti António André, o mais recente, com poucas dezenas de anos. Encanou-se a água que vem da Carreira da Fonte (muito apreciada para beber) mas a água que ia sobrando foi sendo aproveitada para lavar. O lavadouro foi acondicionado, tem um ar moderno mas não é praticamente utilizado. Seguimos em direcção à Fonte Macieira, o "ribeiro" mais utilizado. O espaço está melhorado mas também não há vestígios de utilização. Lá está a fonte quase como antigamente e a seguir umas lajes, por baixo das quais escorre a água para o "ribeiro". Também foi adaptado e modernizado mas mostra o mesmo ar de abandono. Cinquenta metros mais acima, não

há já vestígios do ribeiro do Juncal, onde algumas pessoas iam quando o da Fonte Macieira ficava sobrelotado. Passamos então em direcção ao Malavado para chegar ao ribeiro da Albandeira. É um espaço amplo ao lado do caminho e junto a um grande barroco. A água continua a correr mas está tudo sujo e cheio de limos. É apesar de tudo um lugar agradável. Quantas conversas interessantes por aqui passaram! Voltamos agora para trás e já no povoado passamos para a Fonte Nova. Aqui fizeram

um coberto e o local aproveita as águas da Fonte com o mesmo nome. O espaço é agradável mas também aqui o mesmo ar de abandono. Não há hipótese. As máquinas resolveram o problema e libertaram as mulheres de uma escravidão de assinalar. Damos uma volta final regressando ao ponto de partida pelo Cemitério. Ao lado da actual Avenida Principal havia o ribeiro acima da actual casa da ti Maria Inácia. Também já não há vestígios.

Num dia à noite fazia-se a barrela: fervia-se um caldeiro de água com uma côdea de sabão lá dentro e deitava-se a água em cima da roupa num cesto depois de se pôr uma camada de cinza envolvida num pano. Depois levava-se a barrela ao ribeiro, a tirar a cinza e a lavar. Do mesmo modo as meadas do linho eram cozidas nos caldeiros ao lume, a seguir deitava-se água quente num cesto sobre uma camada de cinza envolta num pano e depois levavam-se "ao pio" para tirar a cinza e deitava-se "cloreto para branquear" (havia vários pios na aldeia ou nas hortas).

Como vêem, o circuito dos "ribeiros" faz um passeio muito engraçado.

Joaquim Igreja

Donativos

Joaquim Alexandre	50 euros
José Ilídio Droga Videira	10 euros
Irmã Maria Augusta	20 euros
Anánima	20 euros
Paulo Jorge Gonçalves Esteves	50 euros
José Pires Marta Santos	20 euros
Cristiano Gonçalves	50 euros
Sra. Maria (Gagos)	10 euros

Castanheira participou no 3.º Encontro da Encomendação das Almas



A Castanheira continua a participar no Encontro da Encomendação. Foi o 3.º Encontro da Encomendação das Almas que decorreu a 8 de Março de 2008, pelas 22:00 horas em Quinta de Gonçalo Martins. Para além da Associação da Juventude Activa da Castanheira participaram o Grupo de Cantares "Camponeses de Aldeia do Bispo", Grupo de

Cantares "Ontem, Hoje e Amanhã" de Maçainhas, Grupo de Cantares "A Mensagem" de São Miguel, Grupo de Encomendação das Almas da Faia, Centro Cultural e Social do Marmeleiro, Grupo Social e Desportivo de Quinta de Gonçalo Martins e "Mulheres do Minho - Grupo de Cantares". Por entre ruas frias e escuras, entoaram vozes que pareciam sair das sombras e pairar um longo tempo no ar. O arrastar das vozes, próprio dos cânticos da Quaresma, que continua a ter grande importância no calendário religioso, encantou o público que ali se deslocou. Esta actividade foi uma organização conjunta do Núcleo de Animação Cultural da Câmara Municipal da Guarda e do Teatro Municipal da Guarda. Recordo que o 1º Encontro da Encomendação das Almas do concelho da Guarda se realizou em 2006 na freguesia de Aldeia do Bispo e o 2º Encontro na Praça Velha da Cidade da Guarda.

Julgamento e Morte do Galo

A AJAC, através da Fanfarra Sacabuxa, participou, no dia 4 de Fevereiro, no desfile-espectáculo "Julgamento e Morte do Galo do Entrudo". Este espectáculo, organizado pela empresa municipal Culturguarda, contou, para além da participação da Fanfarra Sacabuxa, com diversas colectividades do concelho da Guarda que animaram o desfile que levou o Galo pelas ruas da Guarda até à Praça Velha, local onde estava instalado o "tribunal" que julgou o Galo culpado de todos os insucessos e males e, fazendo justiça, condenou-o à morte. Com esta iniciativa manteve-se viva a tradição popular dos festejos carnavalescos da nossa região, contando este evento com uma forte e activa participação do público.

Explicações na Castanheira

A Associação, através de um protocolo celebrado com a empresa Oficina Estudo e Arte, criou um centro de explicações na Castanheira, de forma a possibilitar aos estudantes da Castanheira a possibilidade de usufruírem de um serviço que vai desde o apoio pedagógico (1º, 2º e 3º ciclos), explicações a todas as disciplinas para todos os níveis de ensino e preparação para exames. Para além das actividades pedagógicas, está em preparação o lançamento de um programa de férias pedagógicas e desportivas a decorrer na Castanheira no próximo Verão. Em todas as actividades os associados da AJAC usufruem de descontos.

Henrique Dinis



PALAVRA DE PRESIDENTE

Dez anos de AJAC

Há dez anos atrás (vamos celebrar o 10º aniversário em Outubro) um grupo de jovens reuniu-se e fundou a AJAC. Poucas pessoas acreditaram que, em tão pouco tempo, fosse possível construir uma sede e uma piscina, formar uma fanfarra, organizar feiras de enchidos, festejar a cultura tradicional da Castanheira, lançar este jornal, editar livros e CD's e muitas outras actividades. Este trabalho, em prol de todos, ficou a dever-se ao empenho e desassossego de um grupo de pessoas porque simplesmente assim quiseram. Mas mais poderia ter sido feito se esta "causa" fosse adoptada por mais gente. Os dez anos são um marco. É um ano que deve ser assinalado pela reflexão e debate do que fizemos, bem ou menos bem, e o que ficou por fazer. Contudo o mais importante é pensar e projectar o futuro. É necessário continuar a lutar e trabalhar porque muitos objectivos ainda não foram conseguidos ou ficaram a meio. Refiro-me à urgência da criação de um espaço destinado aos jovens para que, também durante o Inverno, tenham um ponto de encontro e convívio; refiro-me à necessidade de retomar as recolhas de campo e criação de um acervo da nossa cultura tradicional que irá servir de suporte ao Museu da Castanheira; falo na feira de enchido que, pelo estímulo e a vantagem para a Castanheira, deve ser organizada regularmente; refiro-me à necessidade de não desistir do projecto de construção de um centro cultural. As bases para estes projectos estão lançadas...

Parabéns à AJAC, que somos todos nós, com um especial agradecimento a todos aqueles que, muitas vezes de forma discreta e despercebida, contribuíram para que a AJAC tivesse oportunidade de crescer. Continuamos a contar convosco.

Vitor Gonçalves

Ficha Técnica

Boletim da Associação da Juventude Activa da Castanheira
6300-075 Castanheira, e-mail: associacaoactiva@oninet.pt
ou ajac@ajac.com.pt **Director:** Vitor Gonçalves
Coordenador: Joaquim Martins Igreja **Periodicidade:**
Quadrimestral **Tiragem:** 1.000ex. **Paginação:** Elsa
Fernandes **Impressão:** Marques e Pereira (Guarda)

Quer receber gratuitamente o jornal em casa?

Preencha este cupão e entregue directamente na AJAC ou envie para:
Associação Juventude Activa da Castanheira - 6300-075 Castanheira

Nome: _____ Idade: _____

Profissão: _____ Morada: _____

Telefone: _____ E-mail: _____